



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM PSICOLOGIA ESCOLAR E DAS NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS

**INFLUÊNCIA DO PRECONCEITO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM
DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DA ESCOLA SECUNDÁRIA
SOLIDARIEDADE-MAPUTO CIDADE**

MONOGRAFIA

Singurane Geraldo Chiruca

Maputo, Abril de 2026



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**CURSO DE LICENCIATURA EM PSICOLOGIA ESCOLAR E DAS NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS**

**INFLUÊNCIA DO PRECONCEITO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM
DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DA ESCOLA SECUNDÁRIA
SOLIDARIEDADE-MAPUTO CIDADE**

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de
Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais.

MONOGRAFIA

Singurane Geraldo Chiruca

Supervisor: dr. Francisco Cumaio

Local do estudo: Escola Secundária Solidariedade

Maputo, Abril de 2026

1. DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Esta monografia foi julgada suficiente como um dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especias pelo que foi aprovada na sua fase final pelo curso de Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais, Departamento de Psicologia, Faculdade de Educação da Univesidade Eduardo Mondlane.

O Director do curso

(dr.Francisco Cumaio)

O presidente do júri

()

O Oponente

()

O supervisor

(dr. Francisco Cumaio)

1. DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico e que a mesma constitui o resultado do meu labor individual, estando indicados ao longo do texto e nas referências bibliográficas todas as fontes utilizadas.

Singurane Geraldo Chiruca

Maputo, Abril de 2026

2. AGRADECIMENTOS

Achei que esta além de ser a melhor parte que alguém consciente pudesse escrever em seus trabalhos, fosse a mais fácil, não deve ser difícil citar nomes, de seres, pessoas e coisas das quais sou e serei grata por estarem presentes directa ou indirectamente antes e durante essa caminhada que se revelou não fácil, mas também não tão difícil ou algo de outro mundo. Meu maior medo era não ter seres pra citar quando chegasse esse momento, felizmente, tenho seres cheios de luz ao meu redor por agradecer.

A Deus todo-poderoso, pelo Dom da vida, graça, sabedoria, saúde e proteção em todos os momentos em que precisei.

Agradeço eternamente à minha mãe Neli Mabjaia, minha querida avó Maria Violeta, por tudo que tem feito, e nunca terem deixado de acreditar em mim e pela força e apoio e amor incondicional.

Aos meus docentes pela transferência de ensinamentos e aprendizagens que puderam me transmitir, em especial ao meu Supervisor Francisco Cumaio por ter contribuído bastante para a conclusão deste trabalho pela sua dedicação, paciência e atenção.

O meu obrigado aos meus amigos que a vida trouxe e mostraram que "família é tudo aquilo que você constrói" á Almira Cumbane, Viviana Dos Anjos, Naira Macuácua, Joaquina José, Suzana Matevo, Carla Ussivane, Lúcia Armando, Valter Mário, António Moises, Elton Mate, Abel Mindo, David Alexandre, Geraldo Armando, Admira Colete, Marisa Duarte, Vieza Tualibo, e á Rosa Ribeiro e muitos outros que não mencionei, o meu muito obrigado.

A Escola Secundária Solidariedade pelo espaço e abertura para a realização deste trabalho em particular aos professores e alunos que dedicaram horas do seu tempo para as entrevistas, e partilha das suas histórias e perspectivas que foram fundamentais para a finalização deste trabalho.

Agradeço aos amores da minha e para minha vida, Inércia Quechela, Ivete Ribeiro, e Virgílio Teixeira por ensinar que nunca estamos sozinhos, pelo encorajamento, paciência, puxões de orelha, por fazer me perceber que podemos sempre superar nossos medos e crescer na vida.

3. DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à toda minha família, em especial aos meus irmãos Maximino, Carolina e sobrinhos Kayron, Joelson e Saide Júnior para que cresçam num ambiente cada vez menos preconceituoso.

E sim, isso faz parte de vocês.

4. LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

ACAMO: Associação dos Cegos e Amblíopes de Moçambique

ANV: Aluno Normo Visual/sem Deficiência Visual

ADV: Aluno com Deficiência Visual

DV: Deficiência Visual

FACED: Faculdade de Educação

FDE: Fundação para o Desenvolvimento da Educação

NEE: Necessidades Educativas Especiais

PEA: Processo de Ensino e Aprendizagem

UEM: Universidade Eduardo Mondlane

SNE: Sistema Nacional de Educação

5. LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição da escola.	14
Tabela 2: Caracterização dos participantes	16

6. RESUMO

O presente estudo influência do preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência visual da Escola Secundária Solidariedade teve como objectivo principal analisar a influência do preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência visual da Escola Secundária Solidariedade". Para a concretização da pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa. Foram utilizadas a entrevista semiestruturada e a observação sistêmica como instrumentos de recolha de dados. Participaram um total de sete (7) indivíduos: dois (2) professores, dois (2) alunos com deficiência visual e três (3) alunos sem deficiência visual. Com base nos instrumentos usados, análise e discussão dos dados recolhidos, concluiu-se que o preconceito é o vector chave para a perpetuação de vários outros problemas que ocorrem e perturbam o Processo de Ensino e Aprendizagem isto é, (a discriminação, o capacitismo, a Violência, o Bullying), este fenómeno é também verificado na escola em relação aos alunos com Necessidades Educativas Especiais principalmente de alunos com deficiência visual, apesar que de forma tímida tem comprometido o Processo de Ensino e Aprendizagem. Verificou ainda que a escola não tem um espaço para debater assuntos ligados a temas como o preconceito, deixando cada vez mais evidentes a necessidades de que acções sejam feitas para a melhoria do P.E.A. e efectivação de uma educação inclusiva e sem preconceitos para todos.

Palavras-chave: Deficiência Visual, Preconceito, Processo de Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

The present study influence of prejudice in the teaching and learning process of visually impaired students at Solidariedade Secondary School aimed to analyze the influence of prejudice in the teaching and learning process of visually impaired students at Solidariedade Secondary School. To carry out the research and achieve this objective, a qualitative approach was chosen, and Semi-Structured Interviews and Systematic Observation were used as data collection instruments. A total of seven (7) individuals participated: two (2) Teachers, two (2) Visually Impaired Students, and three (3) sighted Students. Based on the instruments used and the analysis and discussion of the data collected, it was concluded that prejudice is the key vector for the perpetuation of various other problems that occur and disrupt the teaching and learning process, i.e., discrimination, ableism, violence, and bullying. This phenomenon is also seen in relation to students with SEN (VI) at this school, although it has, timidly, compromised the EAP. It was also noted that the school lacks space to discuss these issues, making it increasingly clear that action is needed to improve the EAP and achieve an inclusive and non-prejudiced education for all.

Keywords: Visual Impairment, Prejudice, Teaching and Learning Process

ÍNDICE

1. Declaracao De Originalidade.....	i
1. Declaração De Honra.....	ii
2. Agradecimentos	iii
3. Dedicatória.....	iv
4. Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	v
5. Lista de Tabelas	vi
6. Resumo	vii
Capítulo I : INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Formulação do Problema	3
1.2 Objectivos	4
1.2.1 Geral	4
1.2.2 Específicos.....	4
1.3 Questões de pesquisa	5
1.4 Justificativa	6
Capítulo II : REVISÃO DA LITERATURA	7
2.1 Deficiência visual e sua classificação	7
2.2 Preconceito.....	8
2.2.1 Capacitismo	8
2.3 Preconceito e sua construção	9
2.4 O Preconceito na Escola	10
2.5 Implicações do preconceito no processo de ensino e aprendizagem	11
2.6 Como acabar com o Preconceito?	12
Capítulo III : METODOLOGIA.....	14
3.1 Descrição do local do estudo	14

3.2	Abordagem metodológica.....	15
3.3	Técnicas de Recolha de dados	15
3.3.1	Observação sistémica	15
3.3.2	Entrevista Semi-Estruturada	15
3.4	Técnica de análise de dados	16
3.5	Caracterização dos participantes da pesquisa	16
3.6	Questões Éticas	17
3.7	Limitações do Estudo.....	17
Capítulo IV : APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....		18
4.1.	Ocorrência Preconceito e o PEA na Escola	18
4.2.	Situações de Preconceito e Atitudes da Comunidade Escolar	23
4.3.	Acções de como Lidar com o Preconceito no Recinto Escolar	26
4.4.	Apreciação às Observações Feitas no Âmbito da Pesquisa	29
Capítulo V : CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES		31
5.1.	Considerações Finais	31
5.2.	Recomendações.....	33
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
7.	ANEXOS.....	38
	ANEXO A1: Credencial	a
	ANEXO A2: Grelha de Observação.....	b
	ANEXO A3: Guião de Entrevista para Professores	c
	ANEXO A4: Guião de Entrevista para alunos com Dv	d
	ANEXO A5: Guião de Entrevista para Alunos Normo-Visuais	e

CAPÍTULO I : INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge no âmbito da conclusão do curso de Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais, ministrado pela Faculdade de Educação (FACED) - Universidade Eduardo Mondlane, (UEM). A pesquisa, versa sobre a problemática do preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência visual da Escola Secundária Solidariedade, cidade de Maputo. O objetivo principal é analisar a influência do preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com Deficiência Visual na Escola Secundária da Solidariedade-Cidade de Maputo.

De acordo com Díaz (2011), aprendizagem é um processo mediante o qual o indivíduo adquire informações, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, para construir de modo progressivo e interminável suas representações do interno e do externo. O processo de Ensino e Aprendizagem é o mecanismo através do qual a criança se apropria do externo, da experiência social quanto à relação, exigência e normas de respostas, fazendo-a e modificando-a segundo sua própria experiência e interesses atuais.

Ensino e aprendizagem é um sistema de trocas de informações entre docentes e alunos. Este processo ocorre de diferentes formas e sua função é transformar sujeitos, proporcionar, não somente que o aluno aprenda a ler e a escrever, mas também, formar o aluno para o convívio, por meio de educação. Mudando o rumo da sociedade, e proporcionando melhores condições de vida desenvolvendo o aluno de forma integral (Delgado & Da Silva, 2018).

Conforme Santos e Sabino (2021), a deficiência visual caracteriza-se pela perda ou limitação das funções básicas do olho e do sistema visual, como a proteção e nutrição, bem como a detenção de estímulos e sua posterior transformação em imagem, sendo, deste modo, considerada com deficiência visual a pessoa que seja totalmente cega ou com baixa visão. A visão é um canal importante de comunicação do ser humano com o meio externo, pois possibilita compreender registros próximos e distantes, a partir daí o sistema nervoso central organiza as informações derivadas dos outros sentidos.

De acordo com Bandeira e Batista (2002), o preconceito aparece como um modo de relacionar-se com o outro a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou afirmação da própria identificação.

Como refere a Fundação para o Desenvolvimento da Educação-FDE (2009), na maioria das vezes, o preconceito contra pessoas com deficiência visual, surge através de características

consideradas socio-culturalmente negativas ou inferiores em relação a outras. A manutenção de uma atitude a priori que não leva em conta as informações novas ou contraditórias, é uma base que pode levar à discriminação, objetivando afastar, segregar, quebrar o princípio da igualdade entre as pessoas e excluir aquelas que são consideradas inferiores por alguma característica física diferente do padrão dominante (Oliveira, 2017).

Em termos de estrutura, o trabalho compreende cinco (5) partes, divididas em capítulos. Neste primeiro capítulo, constam, para além desta breve contextualização, a formulação do problema, objetivos e questões da pesquisa, e a justificativa. O segundo capítulo corresponde à revisão da literatura, que vai desde a definição de conceitos até as implicações do preconceito no ambiente escolar. O terceiro capítulo diz respeito à metodologia empregada na efetivação da presente pesquisa. No quarto capítulo, apresentam-se e discutem-se os dados recolhidos junto dos participantes, bem como as observações da pesquisa, com vista a responder aos objetivos do presente trabalho. O quinto capítulo é inerente às considerações finais e recomendações, e, por fim, as referências bibliográficas.

1.1 Formulação do Problema

Existem no país leis, políticas, estatutos, e decretos, que conduzem e garantem a inclusão e inserção de qualquer indivíduo nas escolas que, embora sejam tratadas em vários instrumentos legais internacionais e nacional como a Convenção Universal dos Direitos Humanos, Declaração de Salamanca a nível internacional, Constituição da República de Moçambique a Lei 18/18 do Sistema Nacional de Educação (SNE) e sua agenda (2020-2030), e que garantem o direito a educação para todos e um ensino e aprendizagem de qualidade, atendendo a diversidade, nota-se que este processo tem sido muito conturbado, sendo possível detectar casos de preconceito que levam a discriminação no ambiente escolar.

Chisano (2019), afirma que os dados do último censo populacional feito em Moçambique indica que existem 58021 pessoas com deficiência visual, das quais 28885 são homens e 29136 mulheres, o que corresponde a 10,8% da população. Estas pessoas lutam contra todo preconceito, injustiça e barreiras impostas pela sociedade para se incluir e participar na plenitude em todas áreas da vida cotidiana inclusive a área escolar (Chirrinzane, 2023).

Calgoro (2009), afirma que pesquisas feitas no Brasil revelam que as taxas de casos de preconceito para com pessoas com deficiência no ambiente escolar atingem cerca de 99,3%, esses casos muitas vezes são acompanhados de tentativas de adoção medidas que revelam se inadequadas para inclusão de indivíduos com deficiência, uma vez que acabam promovendo e produzindo atitudes preconceituosas, exclusão, violência, assim como acções discriminatórias (Leal, 2015).

Em Moçambique, embora não existam pesquisas que revelam as taxas de casos de preconceito em relação a pessoas com Dv no ambiente escolar, raras não são as vezes que escuta-se relatos de pais e encarregados de educação inclusive dos próprios alunos com DV, das dificuldades que estes enfrentam para serem admitidos numa instituição de ensino alegando entre outras coisas a falta de preparo por parte desta para receber o mesmo, e quando estes tem a sorte de ser admitidos acabam sendo deixados à própria sorte.

Quando os processos educativos são carregados de preconceitos, isolam na escola os alunos diferentes, os deficientes, que por vezes são rotulados como inválidos, incapazes, impróprios ao sistema de ensino, estigmatizando-os, criando estereótipos, discriminando-os e julgando-os como se não fossem educáveis, o que muitas vezes ocorre com os alunos com deficiência. Ainda que estejamos em plena era da informatização, da comunicação em redes, o preconceito ainda gera medo, impede autonomia e liberdade, reduz e reforça a ideia de que a sociedade, implícita ou explicitamente, encontra-se carregada de preconceitos e discriminações (Costa, 2009).

Cientes de que nem a família e a comunidade escolar não estão imunes a essas ideias do senso comum, e justamente por estarmos imersos numa sociedade que enfrenta a cultura do desprezo, institucionalização, estereótipos, preconceito e pena em relação a pessoa com deficiência, assim como, o escasso conhecimento por parte da comunidade, sobre as necessidades específicas das pessoas com deficiência visual, contribuindo para a formação de falsos conceitos e gerando o desenvolvimento de atitudes preconceituosas e discriminatórias o que pode acabar por interferir no processo de ensino e aprendizagem dos mesmos.

Surge a questão de partida: **“Que influência o preconceito tem no Processo de Ensino e Aprendizagem dos alunos com Deficiência Visual da Escola Secundária Solidariedade?”**

1.2 Objectivos

Este estudo teve como base os seguintes objectivos:

1.2.1 Geral

- Analisar a influência do preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência visual da Escola Secundária Solidariedade.

1.2.2 Específicos

- Identificar a ocorrência de preconceito para com alunos com Dv decorrentes na Escola Secundária Solidariedade;
- Descrever situações e ocorrência de preconceito e atitudes da comunidade escolar em relação aos alunos com Dv, na escola Secundária Solidariedade;
- Propor formas de lidar e diminuir as situações de preconceito dos alunos com deficiência visual na escola.

1.3 Questões de pesquisa

Para obter uma compreensão profunda do tema, pretende-se responder às seguintes perguntas:

- Existirá algum tipo de preconceito contra alunos com deficiência visual na Escola Secundária Solidariedade, Causará algum dano ao PEA dos alunos com deficiência visual?
- Quais preconceitos são mais frequentes e quais atitudes a comunidade escolar tem em relação aos alunos com deficiência?
- Que acções a escola realiza para lidar e diminuir situação de preconceito dos alunos com deficiência visual?

1.4 Justificativa

O preconceito pode ser notado em diferentes contextos da vida humana e causa consequências na saúde psicológica e comportamental dos indivíduos que por ela passam. Em contexto escolar, as pesquisas sobre a percepção de crianças quanto ao preconceito são escassas; porém, elas percebem quando são vítimas de algum tipo de preconceito. O interesse e a motivação para a escolha do tema surgem pela preocupação da pesquisadora em desmistificar a problemática do preconceito, situação que se agrava quando se refere a pessoas com algum tipo de NEE, neste caso Deficiência Visual, uma vez que esta carrega consigo variadas consequências que muitas vezes são tratadas de forma singular, não olhando para o real motivo do seu surgimento.

Tratando-se de pessoas com deficiência visual, o preconceito pode causar não apenas danos psicológicos como também comportamentais, uma vez que estes podem fazer com que o deficiente visual não consiga desenvolver todas suas habilidades e potencialidades, assim como uma independência e autonomia de cuidar de si mesmo, por conta da superproteção ou a minimização das suas dificuldades, tratamento desigual que as pessoas em seu redor possam adotar.

Esta problemática tem importância no âmbito acadêmico a medida em que como estudante de Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais, expandirá horizonte de entendimento sobre a mesma, ou seja, os sentimentos sobre atitudes preconceituosas para com pessoas com deficiência visual, que acabam afetadas e conturbam desse modo o seu processo de ensino e aprendizagem.

Será ainda de extrema importância para a Escola Secundária Solidária bem como a comunidade escolar, a medida em que através desta pesquisa, será possível ajudar todos intervenientes do ambiente escolar, a identificar situações de preconceito no seu seio, compreender e saber lidar, criando estratégias para a redução dessas situações, melhorando o ambiente, a coesão e o processo de ensino e aprendizagem dos alunos em particular com deficiência visual e dos alunos em geral.

Por fim, é pertinente para o campo científico, pois proporcionará mais avanços no campo de pesquisa sobre o preconceito para pessoas com algum tipo de deficiência ou necessidade educativa especial no contexto escolar, bem como ajudará na compreensão mais ampla desta problemática.

CAPÍTULO II : REVISÃO DA LITERATURA

Ao longo deste capítulo, apresentar-se-á a base teórica que dá suporte a este trabalho, são discutidas as definições do conceito de deficiência visual e sua classificação, Preconceito, capacitismo, como o preconceito se constrói, suas implicações no processo de ensino e aprendizagem e por fim como extingui-lo.

2.1 Deficiência visual e sua classificação

A deficiência visual é definida de acordo com a acuidade visual (quantidade de visão) encontrada na mensuração realizada com testes quantitativos para longe, podendo ser classificada como cegueira quando a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica ou baixa visão (ou visão subnormal) quando a acuidade visual encontra-se entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica. Em termos práticos, na cegueira ocorre uma perda total ou a presença de um resíduo mínimo de visão, enquanto na baixa visão ou visão subnormal há um comprometimento do funcionamento visual de ambos os olhos apresentando apenas 30% de visão e não melhora com o uso de óculos comuns e após tratamentos clínicos ou cirúrgicos (Lima, 2018).

Mendonça, Miguel, Neves, Micaelo e Reino (2008), afirmam que é através da visão que as crianças se desenvolvem e aprendem sem que tenham que ser ensinadas, unicamente pelo facto de observarem, explorarem e interagirem com o mundo que as rodeia. Em crianças cegas ou com graves limitações visuais, a informação visual é inexistente ou percebida de forma incompleta e ou distorcida, o que reduz a interação com o meio, comprometendo assim, os processos de aprendizagens e originando atrasos na forma como ocorre e são alcançadas os modos de cognição e o desenvolvimento dos diferentes tipos de pensamento e compreensão motora, e social.

Diante do acima exposto compreendemos aqui a deficiência visual, como uma condição onde há perda seja total ou parcial da visão caracterizada pela ausência da informação visual, ou quando a informação é recebida de forma distorcida ou incompleta, causando um comprometimento do desenvolvimento dos processos de aprendizagem, entre outros dos indivíduos que a apresentam.

2.2 Preconceito

Preconceito é na visão de Doron e Parrot (2001), produto de um processo de estereotipia dito de assimilação, que consiste em acentuar as semelhanças percebidas entre objectos que pertencem a mesma categoria, é um julgamento a priori tanto favorável como desfavorável a respeito de outrem, qualificando habitualmente as atitudes negativas a respeito de um grupo em particular. Por outras, podemos entender o preconceito como um conceito prévio sobre algo ou alguém, que se estabelece antes que qualquer relação de conhecimento ou análise se estabeleça (Ribas, 2011).

Albuquerque (2012), afirma que preconceito é um conceito apressado, uma opinião, uma descrição ou explicação que vem antes de qualquer esforço no verdadeiro sentido de se entender o outro. Com isso, percebe-se que o preconceito traz uma visão de algo ou de alguém, sem que se dê a oportunidade de se conhecer e interiorizar a pessoa na sua totalidade.

Nesta senda, e concordando com as ideias dos autores acima supracitados, temos o preconceito como um produto de uma opinião, um pensamento muitas vezes espontâneo de algo ou alguém, que de princípio pode ser favorável ou desfavorável, contudo, atribuem maioritariamente atitudes negativas sem que se dê a oportunidade de conhecer na totalidade, usando rótulos e acreditando nas mesmas configurações criadas. Tratando-se de pessoas com NEE, como é o caso de pessoas com Dv, o preconceito deságua no que chamamos de capacitismo.

2.2.1 Capacitismo

Capacitismo é expressão que designa o preconceito em relação às pessoas com deficiência, que surge do fato de, no senso comum, pressupor-se que o sujeito com deficiência possui suas capacidades limitadas ou reduzidas, constituindo-se, assim, automaticamente uma pessoa menos capaz (Marchesan e Corpenedo, 2021).

Diante disto, pode-se inferir que o capacitismo é uma forma de preconceito que incide directamente sobre pessoas com deficiência na medida em que este presume que as pessoas com deficiência não sejam capazes de realizar determinadas actividades pelo simples facto de apresentarem algum tipo de deficiência.

Nesta senda de ideias, Coelho (2021) ressalta que as pessoas com deficiência visual são muitas vezes percebidas como incapazes e vivem processos de exclusão nos mais diversos âmbitos da vida social. Ao longo da história, a visão da sociedade em torno da pessoa com deficiência visual reflete o pensamento cultural da Antiguidade em relação à cegueira, onde a pessoa era vista como um deus, sábio ou acometido por uma maldição, colaborando para a criação de

barreiras para participação desta pessoa na sociedade, na escola, e mantendo o ciclo vicioso do preconceito.

2.3 Preconceito e sua construção

Na concepção de Oliveira (2017), como foi referenciado acima, o preconceito relaciona-se a uma ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento. Opinião desfavorável que não se baseia em dados objectivos; esta pode simplesmente fazer parte de um pensamento, sem chegar a tratar uma pessoa de forma diferente. Por sua vez, a discriminação consiste no acto de diferenciar, que quebra com o princípio de igualdade, excluindo e restringindo o indivíduo, este é fruto do preconceito e é a concretização dessa forma negativa de pensar (Tarato, 2015).

Coelho e Da Silva (2015), consideram que distinguir não é algo necessariamente negativo, pois a discriminação de fato pode levar ao reconhecimento da diversidade, ou seja, a conclusão de que somos diferentes, contudo, não deve se ver diferença entre dois humanos. Além disso, como afirma Menezes (2013), é na escola que a diferença deve ser reconhecida e considerada para uma aprendizagem mais consciente, efetiva e voltada à transformação social. O mal inicia quando a discriminação de valor leva a posturas etnocêntricas, que são pautadas em três fases: reconhecimento da diversidade; reconhecimento de que dentro da diversidade pode haver relações desiguais; uma injusta conclusão de que os superiores podem explorar os inferiores (Coelho & Da Silva, 2015).

De acordo com Bandeira e Batista (2002), a construção e a visibilidade do preconceito surgem da emergência de diferenças, seja por sua afirmação e manipulação, seja por sua insistente negação ou dissimulação. Em ambos os casos, o não reconhecimento das diferenças ou a falta de respeito a elas se fazem presentes, criando novos padrões de violência, bem como actos de exclusão social. Ainda na visão dos mesmos autores, o preconceito surge na medida em que a sociedade parece favorecer ou desfavorecer determinados grupos identificados, deixa as portas abertas a práticas preconceituosas e discriminatórias, ou seja, negando a possibilidade do outro, da diferença, de ter acesso à igualdade e à equidade, e ao reconhecimento e à participação no quotidiano da sociedade. Pode-se notar esse aspecto no quotidiano escolar atentando a situações em que certos alunos são favorecidos ou desfavorecidos por conta da sua capacidade, sua estrutura física, entre outros. Como afirma Oliveira (2017), o facto de existir uma parte identificada como mais frágil, desfavorecida, leva a ocorrência de actos preconceituosos, reais ou potenciais, levando em geral à violência, ainda que de forma sutil.

Concordando com as ideias dos autores acima, o preconceito surge quando o acto de distinguir deixa de ser contemplado, e passa a ser visto como problema criando comportamentos e atitudes violentas, segregando e excluindo socialmente os indivíduos implicados, ou seja, o preconceito nasce de crenças, ou daquilo que somos ensinados a acreditar, surge nos pensamentos, muita das vezes negativos que gera um comportamento desenfreado de distinguir, tratando o outro de forma desigual, favorecendo actos de violência de forma superficial ou até em grandes proporções.

2.4 O Preconceito na Escola

Em conformidade com o pensamento de Augusta (2008), a escola, como ambiente social e interactivo, necessita de atitudes que visem à formação de cidadãos com valores, de forma a respeitarem as pessoas e suas diferenças. Porém, como afirmam Coelho e Da Silva (2015), nas relações de sociabilidade na escola, é comum observar a utilização de acções para isolar, excluir, humilhar, tyrannizar, discriminar, e comportamentos agressivos que acabem silenciando e segregando pessoas no âmbito escolar.

Neste sentido, olhando ainda para a visão da FDE (2009), nas escolas, é comum a ocorrência de situações onde um aluno é gozado e ameaçado repetitivamente por apresentar algumas diferenças em relação ao grupo no qual está inserido. Estes comportamentos estão relacionados com actos de humilhação, como a colocação de apelidos pejorativos e a grafitação com expressões depreciativas, actos de discriminação em que alguns alunos hostilizam, constroem, ameaçam, maltratam, especialmente aqueles que consideram diferentes ou esquisitos. Considerando como tais os que apresentam diferenças físicas, psicológicas, sociais, cognitivas; maneira de se vestir, de andar; preferências musicais; cor de pele, de cabelos; opção religiosa; orientação sexual; sotaque; trejeitos; timidez, introspecção exacerbada, dificuldade ou facilidade de aprendizagem e socialização, entre outros.

Importa salientar ainda, como referência Gonçalves (2012), na escola é comum presenciarmos o preconceito, vindo do educador para com os alunos é possível depararmos com professores oralizando o “mito da burrice”, ao dizer que seu aluno é incapaz de absorver conhecimentos, e começam por pré-conceituar o educando de “preguiçoso”. Nota-se ainda que o educador não tem uma sensibilidade em investigar no que consiste a dificuldade do aluno e acaba por estereotipar a inteligência de seu aluno, fazendo certos tipos de preconceito.

A porta do novo século na sociedade em geral torna-se cada vez mais consciente das diferenças e multiplicidades sociais emergentes que a compõem, bem como a necessidade de regular os vários aspectos envolvidos nos relacionamentos sociais decorrentes dessas diferenças.

Até porque, como referencia Menezes (2013), a escola deve ter como meta a função de educar e construir uma sociedade mais justa com o pleno reconhecimento das diversas identidades. Neste caso, em curso, da conscientização da sociedade, a escola em geral, deve concentrar-se na produção de conceitos e teorias tendentes e interpretáveis dessas realidades, preparando o caminho tortuoso de sua superação. Estes actos ocorrem porque muitas pessoas não conhecem seus direitos, ou mesmo porque os valores que fundamentam o preconceito e levam à discriminação estão presentes entre os agentes institucionais (Bandeira & Batista, 2002).

2.5 Implicações do preconceito no processo de ensino e aprendizagem

O processo de ensino-aprendizagem da pessoa com deficiência visual corre através do uso dos sentidos remanescentes, para promover uma aprendizagem significativa é indispensável que os recursos didáticos possuam estímulos auditivos, táteis, gustativo que atendam às diferentes condições visuais (Silva 2010). É fundamental também que haja uma relação aberta entre alunos e professor para que o professor conheça quais estímulos visuais, táteis e auditivos promoverão uma aprendizagem significativa em seus alunos.

Na perspectiva de Valle et al. (2018), uma relação positiva contribui para o engajamento escolar, de modo que os alunos tendem a demonstrar maior senso de pertencimento, participação nas atividades, cumprimento de regras e motivação para aprender. Em contraste, se uma relação for negativa prejudica o envolvimento do aluno na escola, deste modo os alunos evitam ir à escola, ou mesmo acabando por desistir de ir à escola, caso esse que não é exceção para alunos com Dv.

Como referencia Ferreira (2000, citado por Augusta, 2008), o preconceito afecta a própria consciência da vítima, uma vez que se vê reflectido na imagem preconceituosa apresentada. Nesse momento, o preconceito cumpre o seu papel, mobilizando nas suas vítimas sentimentos de fracasso e impotência, impedindo-as de desenvolver autoconfiança e autoestima. O preconceito caracteriza-se, então, pelo conteúdo de uma atitude interior de um sujeito que viola os atributos e os qualificativos em relação ao outro sujeito, estabelecendo o funcionamento cognitivo e os contactos preceptivos de forma equivocada, cindida e traumática, pondo sempre à prova as capacidades e os recursos simbólicos do outro. Quando essa atitude ou esse ato-

pensamento estabelece a distinção em relação ao outro, configura-se discriminação, pois gera-se, necessariamente, o tratamento diferencial (Bandeira & Batista, 2002).

Diante do acima exposto, compreende-se preconceito como sendo o vector precursores de implicações devastadoras em diversas áreas da sociedade, o que não deixa de lado quando falamos em preconceito no PEA de alunos com Dv e em ambiente escolar, uma vez que este pode causar no aluno com Dv, um sofrimento mental, afectando a auto-estima e confiança, bem como a saúde emocional do aluno contribuindo para o baixo rendimento escolar, desenvolvimento de quadros de depressão e ansiedade, entre outras, levando a quem passa por esses momentos traumáticos chegarem a desistirem de ir a escola, por não se sentirem acolhidos, entendidos e ou respeitados como no ambiente escolar, anulando aquilo que devia ser o foco do PEA que é a promoção e garantia de uma aprendizagem significativa.

2.6 Como acabar com o Preconceito?

Notem que encaramos o preconceito como uma barreira social, que, na verdade, é uma invenção criada pela cultura, sociedade e política, que bloqueia a plena expressão da imaginação empática. Krzarnc (2015), destaca que lamentavelmente, não podemos nos desligar nossos preconceitos como um interruptor de luz, pois eles estão incorporados em nossas histórias psicológicas pessoais. Mas podemos erodir seu poder sobre nós, apesar de termos sido educados com preconceitos, é passível de rejeitar os rótulos desumanizadores que fomos implicitamente ensinados a aplicar.

A tarefa que temos é mudar a estrutura mental (estrutura que molda a maneira como vemos o mundo), os objetivos que buscamos, os planos que traçamos, e a maneira como agimos, isto significa adotar a perspectiva da outra pessoa, identificar traços comuns através de sentimentos compartilhados. Nesta senda, acreditamos que a promoção de campanhas de conscientização sobre a diversidade, e inclusão, e igualdade dos alunos com Dv na escola e desde cedo pode ajudar a mudar mentalidades, promovendo desse modo representações cada vez mais positivas em relação a eles no ambiente escolar.

Krzarnc ressalta ainda em sua obra que é necessário ensinar habilidades empáticas as crianças e jovens, pois isso ajudaria os indivíduos a se livrar de quaisquer preconceitos que pudessem ter em relação às pessoas, produzindo comportamentos moral ou pro-social de ajuda, estimulando a cooperação mútua, melhorando os relacionamentos e reduzindo comportamentos de bullying, em vez de deixar as pessoas indiferentes. A empatia é vital para o bem-estar das

crianças, essencial para criar uma geração de cidadãos globais que se preocuparão com o enfrentamento de problemas sociais e políticos do mundo, ela é parte essencial da solução de conflitos na família e principalmente no pátio da escola (Krzarnc, 2015).

Além de ensinar habilidades empáticas, e criação de campanhas de conscientização na escola, visando a promoção da inclusão e diversidade e conseqüentemente a criação de um ambiente escolar menos hostil e menos preconceituoso compreendemos que a exposição em actividades que exijam cooperação entre os alunos com Dv e os alunos sem Dv, seja crucial, pois garantiriam que cada um conhecesse verdadeiramente um ao outro descartando as configurações mentais preconceituosas que podem ter implicitamente ensinados.

CAPÍTULO III : METODOLOGIA

Este capítulo tem por finalidade abordar a metodologia e as técnicas utilizadas na obtenção dos resultados relativos ao estudo em causa, em conformidade com Nascimento (2010), metodologia é tida como um conjunto de técnicas ou procedimentos com a finalidade de colectar dados para uma possível interpretação e resolução. De acordo com as características da pesquisa, poderão ser escolhidas diferentes modalidades de pesquisa que serão descritas ao longo deste capítulo.

3.1 Descrição do local do estudo

O estudo foi realizado na Escola Secundária Solidariedade, uma instituição pública de ensino que lecciona de 1ª a 10ª classes, localizada em Moçambique na cidade de Maputo no distrito municipal KaMavota no bairro de Mavalane “A”. Sua criação data os anos de 1998, foi inaugurada oficialmente em Fevereiro de 2007, com a capacidade para albergar um universo de dois mil e duzentos (2.200) alunos (Agência Lusa 2007).

A escola tem recebido, desde a sua criação, alunos com todo tipo de NEE, com destaque para os com Dv. Esses são de acordo com a direção da escola, integrados às salas regulares de ensino, privilegiando-se uma educação inclusiva.

Actualmente a Escola conta com vinte e seis (26) salas de aulas, das quais uma (1) é de recursos (ensino de braille), recebe dois mil seiscentos e quinze (2615) alunos, onde quarenta e sete (47) apresentam algum tipo de Deficiência e ou NEE, (visíveis/ diagnosticadas), dos quais trinta e sete (37) são alunos com Dv. Conta ainda com um total de cinquenta e dois (52) professores, dos quais dois (2) são especializados em Dv. Como indicado na tabela a baixo.

Salas	
Designação.	Quantidade:26
Comum	25
De Recursos	1
Alunos	
Designação	Quantidade:2615
Com DV.	37
Com Outras NEE	10
Sem NEE.	2568
Professores	
Designação	Quantidade: 52
Professores	50
Prof. Esp. em DV	02

Tabela 1:Descrição da escola. Fonte: direcção da escola; elaborado pela autora.

3.2 Abordagem metodológica

A pesquisa usa uma abordagem do tipo qualitativa onde se tem o ambiente como fonte directa dos dados, o pesquisador mantém contacto directo com o ambiente e o objecto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo, as questões são estudadas no ambiente em que elas estão sem qualquer manipulação intencional do pesquisador (Prodanov & Freitas, 2013).

Esta pesquisa foi realizada num ambiente de ensino e aprendizagem, os participantes deste estudo são sete (7) indivíduos dos quais cinco (5) são alunos sendo três (3) alunos com Dv, e dois (2) alunos normo-visuais e dois (2), são professores. Estes foram seleccionados por conveniência ou acessibilidade, que é caracterizada pelo facto do pesquisador poder seleccionar elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma representar o universo do ambiente a qual é realizado (Gil, 2008).

3.3 Técnicas de Recolha de dados

Para esta pesquisa, nesta etapa de colecta de dados, foram utilizadas a observação sistemática e uma entrevista semiestruturada.

3.3.1 Observação sistémica

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), observação é uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade, do tipo não participante, onde o pesquisador não se integra ao grupo observado, permanecendo de fora, ainda puramente sistemática ou estruturada porque se realiza em condições controladas para responder ao propósito estabelecido (Marconi e Lakatos, 2010).

Nesses termos, a grelha de observação é composta por 3 categorias comportamentais, nomeadamente: Agressividade/Humilhação, Solidariedade/Empatia e Indiferença/Insegurança. Esta foi usada em duas fases (a primeira em sala de aula, e a segunda em recreio). (Grelha de observação em Anexo A2).

3.3.2 Entrevista Semi-Estruturada

Entrevista semiestruturada na visão de Gerhardt e Silveira (2009), caracteriza-se pelo pesquisador organizar previamente um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, permitindo que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Para a execução deste trabalho, foram elaborados três (3) guiões de entrevista: o primeiro, constituído por sete (7) questões, administrado junto aos professores; o segundo, constituído

por seis (6) questões, administrado junto aos alunos com Dv; e o terceiro e último, administrado aos alunos normo-visuais, constituído por sete (7) questões. (Ver os guiões de entrevista nos anexos A3, A4 e A5).

3.4 Técnica de análise de dados

O estudo utilizou como instrumento de recolha de dados um guião de entrevista semiestruturada, por isso, o processo de análise das informações recolhidas envolveu a técnica de análise de conteúdo.

Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objectivos, indicadores que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção delas. Este processo envolve diversos procedimentos tais como a codificação das respostas e a interpretação dos dados, através da sistematização das ideias iniciais de todo material (dados colhidos na entrevista) isto a nível da Pré-Análise, categorização da amostra a nível da Exploração do Material e por fim a descrição dos resultados a nível da Interpretação dos Resultados.

3.5 Caracterização dos participantes da pesquisa

Com vista a assegurar as questões éticas e o anonimato dos participantes, foram catalogados com as letras ADv1, ADv2, (para designar alunos com deficiência visual) ANv1, ANv2, ANv3 (para designar alunos normo-visuais, ou simplesmente alunos sem deficiência visual), PRF1 e PRF2 (para designar professores), cuja caracterização mais aprofundada se apresenta abaixo:

Participantes	Discrição
ADv1	15 anos de idade, Sexo Feminino, 9ª classe, Frequenta a escola a ± 1 ano
ADv2	15 Anos de Idade, Sexo Masculino, 9ª Classe, Frequenta a escola desde a 4ª Classe
ANv1	14 anos de Idade, Sexo Feminino, 9ª Classe, Turma inclusiva, com afinidades com ADV's
ANv2	14 anos de Idade, Sexo Feminino, 9ª Classe, Turma inclusiva sem afinidades com ADV's
ANv3	13 Anos de Idade, Sexo Masculino, 8ª classe, não estuda com um aluno NEE
PRF1	37 Anos, Sexo Masculino, Professor de História a cerca de 15 anos, leciona na ESS a 4 Anos.
PRF2	29 Anos, Sexo Feminino, Professora de Biologia a cerca de 4 Anos, leciona na ESS a 1 Ano.

Tabela 2: Caracterização dos participantes. Fonte: Entrevistas; elaborado pela autora

3.6 Questões Éticas

Tendo em consideração que qualquer pesquisa com seres humanos suscita sempre questões morais e éticas. Os conceitos em estudo, o método empregado, assim como a divulgação dos resultados da pesquisa, vai contribuir para o avanço dos conhecimentos científicos, mas também podem lesar direitos fundamentais das pessoas, como o direito ao anonimato e à privacidade. Neste caso, para salvaguardar as questões éticas e morais dos participantes da pesquisa, as observações e entrevistas foram realizadas mediante consentimento da direcção da escola, mediante a apresentação de credencial emitida pela Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane (vide Anexo A4). Tendo sido garantidos, desde o modo, o anonimato e a confidencialidade dos participantes.

3.7 Limitações do Estudo

Durante o processo de execução da pesquisa várias foram as limitações enfrentadas, a complexidade do tema dificultou o acesso a informação que pudesse enriquecer de alguma forma a pesquisa bem como a escassez de pesquisa que falta de espaço, disponibilidade e ou empatia por parte da pessoa encarregada de indicar as turmas e ou docentes aos quais a pesquisadora precisava entrar em contacto e entrevistar para a viabilização da coleta de dados bem como as observações em sala de aulas, foi um dos maiores impedimentos enfrentados para o avanço, mesmo após recepção e posterior autorização da para a realização da pesquisa. Tendo sido necessário a realização de pedidos aleatórios aos professores e alunos da escola para a efectivação dos objectivos traçados.

CAPÍTULO IV : APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente capítulo apresenta, analisa e discute os dados obtidos durante a entrevista e a observação da pesquisa sobre a influência do preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com Dv, realizada junto à Escola Secundária Solidariedade. O capítulo encontra-se subdividido em quatro (4) tópicos dos quais três tópicos foram gerados através dos objectivos e questões de pesquisa e o último tópico foi gerado através da observação feita no recito escolar, a saber: Ocorrência de Preconceito e o PEA na escola secundaria solidariedade; Situações de preconceito e atitudes da comunidade escolar; Acções de lidar com o preconceito no recinto escolar; Apreciação às Observações Feitas no âmbito da Pesquisa.

4.1. Ocorrência Preconceito e o PEA na Escola

Este tópico apresenta a discussão dos dados, tendo em conta o primeiro objectivo específico da pesquisa: salientar que este objectivo correspondia a um total de oito (8) questões apresentadas no guião de entrevista, agrupadas de acordo com o objetivo a que respondiam.

Deste modo, a primeira e a segunda questão, feita aos alunos normo visuais buscavam saber se estes tinham algum parente, ou a amigo próximo com Dv, ou algum tipo de deficiência com o intuito de perceber o grau de empatia, relacionamento, sensibilidade e conhecimento do assunto, nestas foi possível perceber que os alunos que responderam positivamente, isto é com algum parente ou amigo com deficiência, tinham um nível mais elevado de conhecimentos acerca da necessidade de inclusão, a não marginalização, a necessidade de tratar com empatia, solidariedade, dignidade e igualdade aos alunos com NEE (Dv), estes relatavam com mais propriedade os conhecimentos e aprendizagens que os contactos com esse grupo traziam para o seu desenvolvimento pessoal.

Em detrimento dos alunos que, por vários motivos, mesmo muitas vezes partilhando a mesma sala de aula, não têm contacto directo com alunos ou pessoas com NEE (Dv), demonstravam uma indiferença, insegurança e desinformação sobre as necessidades que os alunos com Dv podem ter, e até mesmo a desinformação sobre como realmente acontece o percurso destes dentro da própria escola. Este facto chamou a atenção da pesquisadora, uma vez que, ao ser questionado um dos ANv sobre as turmas inclusivas, respondeu que os alunos com Dv estudam entre si e têm sala própria.

Essa constatação comunga das pesquisas feitas por (Hehir et al, 2016) que demonstram que estudar em ambientes que valorizam a diversidade, em que os alunos com e sem NEE estudam juntos, pode ter efeitos positivos nas atitudes e nas crenças sociais de alunos sem deficiência, esse contacto permite que os ANv's apresentem uma redução do medo das diferenças humanas,

acompanhada por um maior conforto e consciência (menos medo de pessoas com aparência ou comportamento diferentes); crescimento da cognição social (aumento da receptividade aos outros, comunicação mais eficaz com todos os colegas); melhorias no autoconceito (aumento da autoestima, do status percebido e da sensação de pertencimento); e principalmente o desenvolvimento de princípios morais e éticos pessoais (menos preconceito, maior capacidade de responder às necessidades dos outros).

A terceira e a quarta questão, feitas aos alunos com Dv, tinham a intenção de perceber como eram os relacionamentos destes com os demais intervenientes do ambiente escolar (colegas, professores e/ou funcionários) e ainda saber se estes já teriam sido vítimas de preconceito ou discriminação por parte de algum desses intervenientes. A relação foi classificada por estes como sendo Razoavelmente boa, uma vez que só alguns desses costumavam dedicar um pouco de atenção e paciência para com eles, desse modo foi perceptível também, que mesmo de forma sutil estes alunos sofreram ou foram vítimas de preconceito pelo menos duas vezes durante o seu percurso educacional. Como se observa também nos discursos:

A minha relação com os outros alunos é boa, nem [...] Amigos como tal, aqui na sala de aula, eu não tenho; só tenho colegas [...] Só tenho uma amiga "igual a mim" [...] com quem costumo conversar. Com os funcionários e professores, eish! A maioria tem sido boa; chegam na minha carteira têm a paciência de me explicar as coisas quando eu não entendo, mas outros me deixam com minhas dúvidas. ADv1

Minha relação com os outros é normal, tenho aqueles mais chegados que costumam me ajudar [...] Professores têm uns que são bons comigo e outros nem te anto. ADv2

Ainda nesse âmbito, Durante as observações feitas foi possível notar uma tendência ao grupismo, ou seja, os ANv's tinham a tendência de brincar e conversar entre eles e os ADv's tinha a mesma tendência, um comportamento justificado pelo facto dos alunos com ADv terem uma agenda e um horário que envolvesse outras actividades diferentes dos ANv's como é o exemplo das aulas de reforço na sala de recursos, lanche no refeitório, entre outros, essas actividades fazem com que a maioria dos ADv's e os outros com NEE fiquem mais próximos em relação aos ANv's. Acreditamos também que isso, seja também um causador da diferença que acaba excluindo o ADv's em contexto de sala de aula, uma vez que os ANv's não têm muito espaço para participar em algumas das actividades em que os ADv's participem.

Essa ideia é compartilhada por Bernadt (1996), citado por Moreira (2014), ao referir que, com a exclusão das actividades com os colegas, os alunos com NEE participam menos em situações de aprendizagem colaborativa, o que pode atrasar o desenvolvimento das suas relações interpessoais e competências académicas, prejudicando desse modo a efectivação do Ensino e Aprendizagem.

A quinta e a sexta questões, feitas aos professores assim como aos alunos tencionava saber a existência ou manifestação de algum tipo de preconceito na escola em relação aos alunos com algum tipo de deficiência especificamente os alunos com Dv, assim como o tipo mais frequente que se podia observar na instituição e em sala de aula, através destas questões percebeu-se a existência de preconceitos para com esses alunos, apesar de não serem muito nítidas, e considerados muitas vezes como comportamentos normais pela comunidade escolar, esses preconceitos culminavam com expressões que levavam a discriminação, bullying, ou até mesmo ao capacitismo, situações essas que colocam os alunos com Dv numa posição de inferioridade ou como sendo incapaz de fazer determinada tarefa pensando-se sempre na impossibilidade desses fazerem algum tipo de actividades, o que pode-se notar nos discursos:

[...] as nossas turmas são inclusivas e eu acredito que não existam esses casos, [...] eles não aprendiam ciências, matérias relacionadas a ciências nós não lecionávamos a alunos com ADv, e mesmo agora que introduziram ciências nem todos os professores estão a dar aulas[...]

Existe, sim, principalmente por parte dos alunos. Algumas vezes, nós precisamos ditar apontamentos ao ADv, e não são todos que se disponibilizam. Alguns até gozam da deficiência deles, ficam espantados, julgam a deficiência dos ADv, não conseguem se colocar no lugar deles. Não sei se chamo isso de bullying, mas muitos aqui têm desprezo, preconceito [...] ANv1

Me sinto assim as vezes, mas acabo me conformando, alguns colegas costumam negar de ajudar a ditar apontamentos, mas também ninguém lhes pode obrigar a o fazer[...] ADv2

[...] Antes estudava numa escola especializada para alunos iguais a mim aqui é bom mas lá era melhor eu gostava de lá. Agora introduziram ciências[...] sinto que alguns professores dessas disciplinas não sabem muito bem como lidar conosco [...] já me deparei com o caso de ninguém se disponibilizar para me ditar os apontamentos. ADv1.

Já presenciei, e é frequente: uma menina, minha colega, quando o professor lhe mandava [...], costuma berrar; não dita os apontamentos para o ADv ouvir; grita para ele; às vezes dita muito rápido ou fala muito baixo; ele praticamente sabotava. ANv2

Como é possível verificar nos discursos a cima, o PEA está carregando de indicadores que nos remetem ao preconceito, apesar de um dos alunos com Dv, afirmar categoricamente não ter se sentido vítima de preconceito, assim como um dos professores que afirma acreditar na não existência desses casos, nota-se em seus discursos algo contraditório como é o caso de quando este afirma em seguida que a escola não lecionava disciplinas ligadas as ciências para os alunos com Dv, e que agora que foram introduzidas um e outro professor não esteja a lecionar tais aulas para esses alunos, e o ADv1 que afirma que por várias vezes não teve acesso ao material da aula porque os colegas negavam ditar-lhe apontamentos ou que por várias vezes ficou sem entender a matéria porque o professor não teve paciência de o explicar, mesmo ele dizendo isso para o professor.

Esses episódios comungam das ideias de Augusta (2008), ao referir que o preconceito nem sempre vem acompanhado de uma agressão, em sua maioria são as maneiras sutis, que comprovam a sua existência no subconsciente do indivíduo, o que gera a ilusão de um convívio harmônico com as diferenças, além disso, o preconceito com relação às pessoas gera formas diferenciadas de abordagem e tratamento, nesse caso, é o preconceito o gerador da discriminação e da desigualdade que exclui, o aspecto distintivo e formativo do ordenamento moral da sociedade, na busca que nega uma ética de igualdade ou de reciprocidade (Bandeira e Batista, 2002).

No que se refere ao tipo mais frequente de preconceito no recinto escolar e na sala de aulas pode se notar uma tendência ao evitamento, isto é, boa parte dos ANv's costuma evitar o contacto, e a partilha de espaço com os alunos em situação de inclusão (Dv) como se pode notar nos discursos:

O mais comum é o Evitamento, há pessoas que até evitam estar próximos ou sentar na mesma carteira com alunos com Dv, isso pode dever-se ao facto de não querer ser delegado a ajudar o aluno com Dv[...] por vezes ele não percebe certa coisa que o professor está a explicar e logicamente vai perguntar ao colega ao lado o ANv não quer sentir as incomodado por isso evita[...]PRF1

[...]Ele tem amigos dele, durante os intervalos menores ele fica sentado na carteira dele, só no intervalo maior é que saí para almoçar lá no refeitório.

ANv2

O evitamento referido pelo PRF1 que os ANv's criam aos ADv's acabam culminando com uma espécie insulamento desse aluno na sala e na escola, isso, pode ser também visto durante as observações feitas em sala de aula, e no pátio durante os intervalos, onde notou-se que os ADv's com pouca frequência saíam da sala de aula, tinha nenhum ou poucos amigos. Esse facto mostramos logo de primeira que existe algum tipo de segregação ou mesmo como o professor falou na entrevista "existe um evitamento para com os ADv's" que é causada muitas vezes pela ideia preconcebida que estes alunos possam dar trabalho a quem se sentar, ou estiver perto deles. O que reforça a ideia trazida por Bandeira e Batista (2002), ao referir que o preconceito isola na escola o aluno considerado diferente, a diferença é vista como problema e não como diversidade, criando e mantendo a construção de actitudes preconceituosas entre os alunos e professores.

A sétima e a oitava, questões feitas somente aos professores, com o intuito de saber se há alguma manifestação de descontentamento ou incómodo por parte de professores ou funcionários em relação aos ADv's ou ao trabalho com eles, e ainda perceber, dos mesmos, sua opinião acerca dos prejuízos que o preconceito pode causar no PEA. Quanto ao descontentamento ou incómodo, os professores entrevistados acreditam que não existem, como se verifica nos discursos abaixo:

*Creio que não, os professores da escola têm tido capacitação de maneira a aprimorar formas de relacionar com alunos com Dv, mesmo sem preparo prévio os funcionários por experiência têm lido dado satisfatoriamente com os alunos[...]*PRF1

Descontentamento, acredito que não, mas algumas reclamações: se trabalhar só com os considerados normais já é muito trabalhoso; com uma criança com NEE, o trabalho fica o dobro. Nota: temos que preparar o plano normal e o plano especial [...] PRF2

Entretanto ao falar dos prejuízos que o preconceito causa no PEA percebeu-se que apesar dos professores terem tido algumas formações dadas pela Associação dos Cegos e Amblíopes de Moçambique (ACAMO) com vista a necessidade de melhoramento da interação entre eles e os alunos com NEE principalmente a quando da introdução das disciplinas que envolvam ciências, estes ainda mostram-se inseguros, e quase que não conseguem dar conta da demanda e dar

atenção a esses alunos. É de salientar como relata um dos professores foi graças às ideias, histórias de superação trazidas e contadas pela ACAMO que a escola passou a introduzir disciplinas ligadas às ciências para ADv's em 2023, que apesar do esforço e as capacitações que os professores têm tido, entrar num ritmo para lecionar nessas turmas, saber lidar com os ADv's ainda se apresenta como um sonho. Conforme mostram os discursos abaixo:

[...] o preconceito traz prejuízos no processo de ensino e aprendizagem, e muitos, trazem retrocessos, [...] este ano introduziu-se ciências [...], mas acredito que exista um e outro professor que simplesmente não está a lecionar e nem é porque não possa, acredito que seja um pouquinho de preconceito. [...] se tu, como professor, acreditas que o aluno com a limitação X, Y ou Z não é capaz de assimilar uma determinada matéria, já é muito complicado, então o preconceito nunca é bom PRF1.

[...] O preconceito traz prejuízos e muitos não só no PEA, mas em todas esferas da vida do aluno, o aluno em situação de inclusão precisa de apoio, [...] para ele também acreditar que é capaz, a medida em que este aluno sofre, ou sente que é vítima de preconceito, e que é discriminado de algum jeito no seu ambiente do dia a dia acontece ao mesmo tempo uma desvalorização de si, encontramos crianças que não acreditam em si mesmas, que ao crescer se tornam adultos inseguros. PRF2

Além disso, como referencia (Hehir et al, 2016), evidências sugerem que os professores geralmente apoiam o conceito de educação inclusiva, mas questionam sua própria capacidade de ensinar em uma sala de aula inclusiva, embora os professores aprovassem a inclusão na teoria, poucos estão dispostos a incluir alunos com deficiência em suas próprias salas de aula, colocando suas crenças e preconceitos em frente do processo educativo, limitando se deste modo na leção desses alunos.

4.2. Situações de Preconceito e Atitudes da Comunidade Escolar

Nesta parte, são descritas as situações de preconceito e as atitudes da comunidade escolar em relação a elas. Este objectivo corresponde a um total de sete (7) questões nos guiões de entrevista. A primeira e a segunda foram feitas aos professores e tinha a intenção de perceber a existência de expectativas diferentes em relação aos alunos em situação de inclusão (Dv) quando comparados aos demais alunos e se o preconceito trazia algum prejuízo na aprendizagem dos alunos com Dv. Constatou se que a prior existem expectativas diferentes relacionados a esses alunos, que com o contacto e a convivência diária com os alunos, que cada

professor vai tendo vão se dissolvendo, isso é, de princípio o professor entra na sala de aula e se questiona se o aluno com Dv será capaz de alcançar as metas traçadas, e com o tempo, e a criação de estratégias, vai percebendo que esses alunos por vezes até superam suas expectativas. Como se pode perceber nos discursos:

Expectativas diferentes? Não, eu não tenho. Eu sou professor e o que faço é adoptar estratégias para que os meus alunos assimilem a matéria. O importante é conhecer cada um deles [...]; somos orientados a entrar na sala de aula com dois planos, [...] e isso tem nos ajudado bastante. PRF1.

Em princípio, sim, tive expectativas diferentes referentes aos alunos em situação de inclusão, principalmente durante meu primeiro ano nessa escola [...] ambiente inclusivo, um lugar novo e desafiador, mas com o tempo e cada vez que fui conhecendo cada um dos alunos, minhas expectativas foram mudando [...] os alunos em situação de inclusão conseguem se sobressair [...] e superar as nossas expectativas. PRF2

Nota-se que as respostas dos professores vão de acordo com o nível de experiência e exposição, isto é os anos que cada um deles tem naquela escola e o contacto com os alunos em situação de inclusão o que significa também que os professores são capazes de quebrar barreiras que são aparentemente mentais, ideias preconcebidas ao acharem que seja impossível dar qualquer tipo de aulas a estes alunos, desde que se dediquem para tal.

A terceira e a quarta questão, feitas aos alunos com Dv, tencionavam saber a sua opinião em relação a forma como as pessoas agem com os que têm algum tipo de deficiência e à sua atitude quando se trata de fazer alguma actividade na escola. Nestas, percebeu-se que os ADv não gostavam, pelo menos em parte, de como as pessoas agiam com as pessoas com algum tipo de deficiência/NEE, uma vez que isso as colocava numa posição inferior ou numa situação em que não se acreditasse que elas fossem capazes de fazer tal actividade. O preconceito cria descrédito da pessoa que o sofre, vinculando-o a discriminação e a exclusão, traz a luz uma realidade oculta que se torna cada vez mais consciente e concreta, permitindo que os alvos nomeiem seu sofrimento, passando desse modo a lutar contra e para que os outros compreendessem o efeito de sua atitude (Bandeira e Batista, 2002).

E quanto a atitude dos ADv's quando se trata de fazer uma actividade na escola, constatou-se que os ADv's as vezes são abertos e conseguem pedir ajuda apesar de nem sempre esses pedidos serem atendidos por parte dos outros alunos, ou por parte dos professores demonstrando uma ligeira indiferença isso pode ser percebido também nos discursos a seguir:

Não Costumo recusar ajuda, pelo contrário costumo até a pedir, e quando me oferecem ajuda eu aceito, por exemplo quando temos uma ficha, e eu preciso de passar apontamentos, quando pesquiso alguma coisa pra aula através do meu telemóvel e peço para me ditarem mas nem todos se disponibilizam ADv1.

Sobre a circulação no pátio da escola, eu não peço ajuda; conheço a escola, então não precisa que alguém me segure pelo braço. Mas, quando me é oferecida ajuda, eu aceito naturalmente. Alguns colegas ajudam a carregar a máquina de datilografia. De forma geral, acho que nunca recusei ajuda ADv2.

A quinta, sexta e sétima questões, feitas aos ANv's, pretendia perceber como foi o seu primeiro contacto com ADv's, o que achavam da relação de amizade entre eles e pessoas e videntes, e ainda se era importante ter amizades com pessoas que têm alguma deficiência. Nesta, as constatações não foram muito distintas do que já temos vindo a referenciar, isto é, os ANv's com algum parente ou em contacto com algum ADv, conseguem ser mais autónomos, apresentam um discurso menos preconceituoso em relação ao contacto e convívio com pessoas com Dv, diferentemente dos que não tem contacto, que demonstram em seus discursos, indiferença, e Apatia, como se percebe nos discursos abaixo:

Meu primeiro contacto com ADv foi normal. Também já estava familiarizada com a DV, já que meu pai tem baixa visão e, na zona de uma ex-colega minha, morreu um senhor cego [...]. Costumamos ajudá-lo. Mas no primeiro dia em que ADV trouxe o celular, fiquei espantada. Não vou mentir, ANv1.

Minha relação com o ADv na sala de aula é normal, eu me sinto bem em estudar com ele, tem amigos dele, durante os intervalos menores ele fica sentado na carteira dele, só no intervalo maior é que sai para almoçar lá na cozinha. ANv2.

No que diz respeito aos ensinamentos e aprendizagens tiradas do convívio com pessoas com Dv, percebeu-se que existe uma divisão dos ANv's os que estudando na mesma turma com ANv's criam laços e aproximam-se deles demonstrando empatia o que permite no final uma troca de experiências e aprendizagem entre outras coisas as capacidades e limitações da Dv e os que tratam com indiferença, são apáticos evitando contacto entre outras, o que faz com que este grupo não consiga beber das aprendizagens que estes podem trazer, muito menos reconhecer os benefícios com a convivência entre eles e os ADv's.

Sim, a convivência com pessoas com Dv, me ensinaram a perceber que não, não é o facto da pessoa não enxergar que não pode fazer nada, eles podem cozinhar, acompanhar notícias, muitas coisas aí percebi que eles têm as mesmas

capacidades que nós. Aprendi com o ADV que, na verdade, o celular dele tem um aplicativo de voz que a auxilia, ele tem muitas capacidades, e ela não se vê inferior a nós (ANv1).

Eu não sei se é importante ter amigos com alguma deficiência, nem se aprenderia algo com eles. Por exemplo, nunca aprendi nada com o ADV da minha turma (ANv2).

Os pontos trazidos neste tópico remetem às idéias de Krzarnc, (2015) em seu livro o poder da empatia quando refere que a maioria de nós tem pressupostos e preconceitos sobre os outros e somos propensos a estereotipar, fazendo julgamentos rápidos com base em primeiras impressões, projectamos nossas tendenciosidades, prejudgamos as pessoas quando sabemos muito pouco sobre a realidade de suas vidas. Esses rótulos tendem a denegrir, colocando pessoas numa caixa conveniente que torna difícil apreciar a humanidade e singularidade delas ou as histórias pessoais por de trás das circunstâncias.

Além disso, o preconceito é e tem o poder de desumanizar, anula a individualidade, impede-nos de olhar alguém nos olhos e de saber seu nome, o que, no fim, cria uma cultura de indiferença na qual a empatia tem dificuldade de penetrar (Krzarnc, 2015).

4.3. Acções de como Lidar com o Preconceito no Recinto Escolar

Neste tópico, serão abordadas as acções que a comunidade escolar adota para lidar com aspectos ligados ao preconceito. Este tópico é abordado por quatro (4) das questões patentes nos guiões de entrevista.

A primeira questão, feita a todos participantes mas direccionada aos professores, pretendia perceber se a Escola proporcionava espaços para discussões de questões relacionadas ao preconceito e a inclusão, nesta todos participantes responderam de forma negativa, isto é, a escola não proporciona espaços para discussão de questões relacionadas ao preconceito e a importância da inclusão em nenhum dos fóruns (encontros e reuniões com pais e encarregados de educação, concentrações iniciais dos alunos ou durante as reuniões de turma). Como se pode constatar nos discursos abaixo:

Não, a escola não proporciona, nem entre professores, nem entre alunos, nem entre pais e encarregados de educação [...]. De qualquer forma, por iniciativa da escola e por ela estar a tentar especializar-se em Educação inclusiva, tomamos algumas medidas básicas para garantir a inclusão desses alunos (PRF1e2).

Não temos tido espaços de debates para falar sobre assuntos do género, seria bom e importante, apressar de acreditar que mesmo se tivéssemos não mudaria muita coisa (ANv's e ADv's).

Apesar do discurso acima, de um dos alunos mostrar desesperança face a problemática aqui discutida, falar de questões relacionadas ao preconceito para com pessoas com NEE e inclusão nos fóruns acima citados, poderiam ser importantes para quebrar algumas barreiras comportamentais, e mentais que os intervenientes da comunidade escolar apresentam, melhorando, e diminuindo significativamente o nível de preconceito e pensamentos de capacitismo presente em muitos deles, acreditamos que consciencializando os pais e encarregados de educação sobre a necessidade de se adoptar uma mente empática para a extinção do preconceito e reforçando essa ideia sempre que possível aos alunos, seria possível criar um ambiente de ensino e aprendizagem saudável, uma escola inclusiva livre do preconceito e uma sociedade cada vez mais consciente.

A segunda questão, foi feita a todos participantes e tencionava saber as acções que a escola realiza para erradicar a problemática do preconceito e promoção da inclusão, assim como acções imediatas a ocorrência de casos de preconceito e ou discriminação. Os professores afirmam que a escola vem tentando especializar-se no ensino inclusivo e que tem adoptado vários comportamentos, de modo a garantir uma educação inclusiva e, deste modo, menos preconceituosa, através de um projecto financiado pela ACAMO.

[...] fomos abarcados por um programa ou projecto da ACAMO que tenta formar e capacitar os professores de maneira a saber lidar dos alunos com necessidades educativas especiais ou com limitações, especialmente alunos com DV. PRF1

A escola e os professores agem no sentido de tornar o ambiente mais inclusivo, aconselhamos os alunos supostamente normais a não discriminar, desprezar ou desvalorizarem os alunos com NEE, a não deixarem esses colegas de lado e ajudar no apoio desses alunos. PRF2

Ainda falando das acções que a escola tem realizado para erradicar o preconceito e promover a inclusão, os professores explicaram que o projecto da ACAMO visava capacitar os professores num total 12 módulos em matérias de NEE, mas por razões de financiamento, só tiveram a oportunidade de ter 7 Módulos, foi uma capacitação que envolveu várias outras escolas da cidade de Maputo. Depois dessa pequena capacitação tiveram vários ganhos pois puderam aprender estratégias de transmissão de conhecimentos de forma a permitir a inclusão no

processo de ensino e aprendizagem a alunos com NEE, como por exemplo o uso de um plano específico e complementar para alunos com NEE.

Além disso, essas ideias comungam dos achados da pesquisa de Leal (2015), ao referir que os esforços de especialização para acompanhamento, as aulas de reforço e ensino de braile que a escola tem vindo a oferecer a alunos com deficiências visual, tende a ser encarado como algo positivo, porém, é normal que os ANv's pensem que a situação não é a mesma do colega o que mais uma vez, reforça preconceitos.

Nas acções imediatas, isto é, ao se presenciar um comportamento de indiferença ou discriminação no recinto escolar apesar dos professores referirem agir de modo a estancar comportamentos não bons dos alunos, e mostrar que certos comportamentos não são adequados, através de um sistema de punição, pedindo sempre que os ANv's zelem pelos ADv's e se olhem como iguais independentemente da condição física e acima de tudo agir de modo a aumentar a autoestima dos alunos com NEE, os alunos revelam que a maioria dos episódios de preconceito ou discriminação ocorrem na ausência deste na sala de aulas ou ainda durante o recreio, e que estes não chegam a saber do ocorrido o que faz com que vários episódios sejam encobertos conforme mostram os discursos:

[...] não fazem nada, também a maior parte dos casos, ou quando acontece isso, os professores não ficam a saber, não contamos em casa, ficamos calados, por vergonha ou mesmo por não saber o que vai se fazer, medo de ser a Maria queixinhas. [...] Só nós, os outros colegas da turma, costumamos dizer à pessoa para não ajudar se não quiser [...] em vez de andar a gritar, lhe tratar mal e com desprezo. ANv1,2 e ADv1,2.

Todas as acções levadas em consideração quando se trata de como lidar com o preconceito no recinto escolar evidenciam que não são apenas os alunos os responsáveis pelo preconceito na escola, que medidas adotadas pelas direcções das instituições também podem cooperar para que o mesmo se fortaleça (Leal, 2015).

A terceira feita aos ADv's pretendia perceber deles as acções que eles tomam quando sentem que estão a passar por uma situação de preconceito, e percebeu-se que os ADv's não costumam reagir, pelo contrário, nota-se um conformismo com a forma que seus colegas e professores agem com eles que acabam acreditando que o comportamento apresentado por estes é normal e não podem fazer nada. Conforme os discursos:

Não costumo fazer nada, e nos casos em que os professores não me explicam bem a matéria, ou que não consigo alguém para ditar apontamentos, deixo assim, acredito que não tenha nada que possa ser feito. ADv1

Às vezes informo sobre o comportamento dos colegas aos professores, às vezes deixo assim, e tento ver aquilo como normal, e acima de tudo, entender os motivos deles estarem a agir assim. ADv2.

Esse episódio reforça a ideia de que os alunos com deficiência visual compreendem que são alvo de preconceitos quando os comportamentos são explícitos ou quando atitudes encobertas são percebidas, o que impacta diretamente no PEA (Kawashima, 2007).

4.4. Apreciação às Observações Feitas no Âmbito da Pesquisa

Nesta parte será feita a apresentação e discussão dados obtidos durante as observações no âmbito da pesquisa, de salientar que as observações foram realizadas em quatro tempos distintos, isto é, durante a chegada dos alunos na escola, em sala de aulas, Intervalo, e durante a saída. A grelha de observação era constituída por um total de quatro categorias comportamentais que visavam de forma geral ajudar na identificação de situações de preconceito, na descrição da percepção, opinião, assim como na caracterização das acções que a escola faz para lidar com o preconceito para com alunos com deficiência.

Durante a chegada dos alunos na escola, percebeu-se que alguns dos ADv's chegam à escola acompanhados pelos pais e encarregados de educação embora muitos deles tenham idades para chegar à escola sozinhos, mostrando a priori uma superprotecção criada pelos pais e encarregados de educação contudo, esse comportamento pode ser explicado pelas condições de mobilidade. Já no pátio da escola, os alunos com ADv's se apresentam sem ou com poucos amigos se dirigindo directamente para sala de recursos de onde saem para a sala de aulas com a máquina de escrever, nesse momento é verificada algumas vezes actos de empatia e solidariedade por parte de alguns ANv's que ajudam os a carregar a máquina até a sala de aulas. Chegados na sala, os ADv's acabam sozinhos, limitando-se em ficar sentados em suas carteiras, a mexer o telemóvel "a espera" da próxima aula, ou que o professor se faça à sala, foi ainda possível notar, durante uma das aulas observadas, que a maioria das carteiras são partilhadas por dois(2) a três (3) alunos cada, mas os ADv's sentavam-se sozinhos, isto é, o ADv não partilhava sua carteira com nenhum dos alunos dando a impressão de que os ANv's preferiram sentar em qualquer lugar menos com os ADv's.

Ainda durante uma das aulas assistidas, em que os alunos estavam a em apresentações de trabalhos, embora os temas tivessem sido distribuídos em grupo, o grupo excluí o ADv na realização do trabalho e consequentemente o ADv é obrigado a fazer o trabalho e apresentar de forma individual. Esse facto chama a atenção, uma vez que a ADv contou que aquilo era normal sempre que se falasse de trabalhos em grupo; ela nunca fizera ou apresentara um trabalho em grupo como tal. Remetendo-nos sempre à problemática que é aqui discutida, gerando complexos no ADv.

Essas constatações comungam com os pensamentos de Bernadt, 1996, citado por Moreira, 2014, ao referir que o nível de aceitação ou rejeição pela turma pode revelar-se um indicador da integração dos alunos e da participação no grupo-turma e na cultura escolar. Os alunos mais aceites serão mais integrados às atividades com os colegas nos contextos escolares, sentindo bem-estar e maior sentimento de pertença. Por outro lado, os alunos rejeitados ou com baixa aceitação serão mais excluídos das actividades e provavelmente desenvolverão um sentimento de afastamento, desconforto e incompetência na escola.

Durante os intervalos os ADv's continuavam na sala de aulas sentados em suas carteiras, não eram incluídos nas brincadeiras da turma, o que comunga da ideia de Moreira ao referir que a maioria dos alunos com NEE, não são aceites, nem estão integrados na escola, passando a maior parte do tempo de recreio sozinhos, têm menos amigos e participam menos como membros de um grupo. Não só porque a rejeição e as fracas relações entre pares levam a um desenvolvimento insatisfatório, mas também porque os relacionamentos e as amizades proporcionam oportunidades de praticar comportamentos que favorecem o desenvolvimento desses fatores (Moreira, 2014).

Durante a saída do recinto, alguns dos ADv's, sozinhos ou acompanhados por um dos colegas, saíam em direcção à paragem, os outros permaneciam na escola devido às aulas de reforço e ensino de braile, ou esperam até que seus encarregados de educação levar-lhes à casa.

Chegados aqui voltamos a um dos pontos que já haviam sido discutidos no primeiro tópico deste capítulo onde acreditamos que de forma inconsciente a escola esteja a fomentar a criação de grupos, uma barreira para a criação de uma amizade estáveis entre os ADv's e ANv's, uma vez que a dada altura dentre os alunos alguns podem ficar no recinto escolar e os outros são praticamente mandados se retirar. Isso faz não apenas com que os ADv's acabem apenas brincando, entre eles, mas faz com que sejam alimentados preconceitos que os ANv's já têm, resultando em uma fraca interação, medos, inseguranças, numa cultura de indiferença na qual a empatia tem dificuldade de penetrar.

CAPÍTULO V : CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

5.1. Considerações Finais

Nesta pesquisa foi Analisada a Influência do Preconceito no Processo de Ensino e Aprendizagem dos Alunos com Deficiência Visual da Escola Secundária Solidariedade, uma instituição de ensino pública em Maputo cidade capital de Moçambique, a mesma foi desenvolvida a partir de três objectivos específicos, deste modo, deixamos as seguintes considerações finais tendo em conta as perguntas de pesquisa Patentes no capítulo I:

Em resposta a primeira questões de pesquisa que tencionavam saber se existia algum tipo de preconceito para com alunos com deficiência visual na escola e que isso acarretava algum dano no PEA, percebeu-se que apesar dos discursos que apontavam para a não existência da problemática aqui discutida, existem manifestações de alguns casos de preconceito e que influência negativamente no PEA dos alunos em situação de inclusão NEE na escola, que trazem consigo retrocessos e danos apesar que de forma sutil gera uma ilusão de convívio harmonioso com as diferenças, uma vez que o preconceito é uma codificação mental do subconsciente e nunca admite-se que se tenha.

Além disso, percebeu-se também ainda neste ponto que as pessoas que convivem directamente com pessoas em situação de inclusão estão mais abertas e conseguem ser mais empáticos conseguido lhe dar melhor com essas pessoas em relação aos outros que não convivendo com essa camada carregam consigo pensamentos de insegurança e medo, causando indiferença ou evitamento no tratamento e no relacionamento com os alunos NEE.

Já em resposta a terceira questão de pesquisa que pretendia saber que preconceitos são mais frequentes e quais atitudes a comunidade escolar têm em relação aos alunos com deficiência percebeu-se que em princípio os professores tem expectativas diferentes para com alunos com NEE (ADv) na escola, expectativas essas que se moldam e mudam com o passar do tempo e convivência com os alunos com NEE. Quanto a situação de preconceito mais frequente o evitamento é o que chamou mais atenção da pesquisadora, e tendo em conta que apesar do preconceito trazer sempre uma atribuição negativa deixando transparecer uma ligeira indiferença no tratamento, assim como no relacionamento, desumanizar e anular a individualidade da comunidade escolar e os ADv's, não podem ser desmerecidos os esforços de alguns intervenientes que conseguem ser mais empáticos e abertos para a aquisição de novas experiências e aprendizagens permitindo se deste modo aprender com os ADv's

Em resposta a última questão de pesquisa que tencionava saber que acções a escola realiza para lidar com o preconceito dos alunos com deficiência visual, percebeu-se que a escola toma medidas básicas pedindo que os alunos zelem uns pelos outros, e vem tentando se especializar em educação inclusiva com ajuda da ACAMO. Uma das principais formas ou acções para lidar com o preconceito identificadas é a abertura de espaço para a discussão de questões relacionadas ao tópico uma vez que estes tópicos não eram proporcionados em nenhum fórum o que pode estar a criar barreiras aos intervenientes da comunidade escolar, fazendo com que os ADv's se retraiam preferindo na maioria das vezes ficar no silêncio.

5.2.Recomendações

A seguir, são listadas recomendações à comunidade escolar, tendo em vista a redução do preconceito e, conseqüentemente, o melhoramento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais, especificamente alunos com Dv na escola.

Aos Professores, Direcção / Gestores escolares

- Tendem reconhecer ao máximo as capacidades que os alunos com necessidades especiais têm e promovê-las diante dos outros de modo a criar coesão no grupo;
- Se informe de maneira prévia, aos intervenientes da comunidade escolar a existência de alunos com NEE, a necessidade de boa convivência, e a maneira como está deve ou não portar-se ao cruzar-se com eles;
- Criem espaços de debates, palestras e workshops de educação da mente, de modo a conscientizar a todos os intervenientes da comunidade escolar sobre o preconceito e suas conseqüências negativas, a necessidade de compreensão, respeito um pelo outro, empatia, bem como a promoção da igualdade na diversidade;
- Realizem actividades interativas, como jogos, peças de teatro ou actividades que estimulem a reflexão sobre diversidade e inclusão (como a leitura e discussão de livros, com temáticas que abordem o assunto);
- Encorajem as crianças a trabalharem juntas em projetos que promovam a inclusão, como apresentações de trabalhos em grupos, ou exposições, trabalhos colaborativos que incentivem os alunos a discutirem e compartilharem suas perspectivas;
- Tomar atenção aos movimentos ou sinais que os alunos possam mostrar bem como a criação de regras, sanções e punições claras para os agentes causadores;
- Serem exemplos de respeito e inclusão, demonstrando atitudes positivas em relação à diversidade, assim como serem mais abertos, empáticos e sensíveis aos problemas que os alunos podem trazer e enfrentar e não ser o principal vetor de promoção de preconceito;

Aos Alunos Normo visuais

- Sejam mais gentis, empáticos e solidários respeitando sempre os outros e defendendo os colegas que possam estar a ser vítimas de preconceito;
- Caso sejam vítimas ou identifiquem algum colega sendo vítima de preconceito, não tenham medo, receio ou vergonha de denunciar/reportar o caso para um adulto de confiança, ou a quem se sintam mais confortáveis para falar de assuntos como este de modo a serem tomadas providências;

- Valorizem a diversidade e a diferença, e que entendam que todos merecem ser tratados com respeito e dignidade, apesar das diferenças, somos todos iguais;
- Treinem a empatia e a capacidade de se colocar no lugar do outro, para que possam entender melhor as emoções alheias e agir de maneira respeitosa e compassiva.
- Convidem e chamem para mais perto de vocês os alunos com NEE, se aproximem deles, dividam o mesmo espaço e criem brincadeiras que os incluam;

Aos Alunos Com NEE(DV)

- Sejam mais abertos de modo a permitir que os outros se aproximem;
- Conversem e abram-se mais com seus colegas, com vista a dar-lhes a chance de conhecer mais sobre eles e a sua forma de ver o mundo, suas capacidades e potencialidades;
- Sejam mais atrevidos, peçam ajuda quando for preciso, e aceitem quando lhes for dada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Lusa, (2007): *Escola Solidariedade em Moçambique é exemplo de nova cooperação*; RTP-Notícias. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/pais/escola-solidariedade-em-mocambique-e-exemplo-de-nova-cooperacao-afirma-luis-amado_n43068
- Albuquerque Júnior, D. M. (2012). *Preconceito contra origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia*. Cortez editores; 2ª ed, V.3; São Paulo
- Arthur, M.J. (2013). *Os princípios da igualdade e da não-discriminação no Anteprojecto do Código Penal*; Outras Vozes.
- Augusta, G. (2008): *As Consequências Da Discriminação E Do Preconceito No Ambiente Escolar E Na Sociedade* Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/as-consequencias-da-discriminacao-e-do-preconceito-no-ambiente-escolar-e-na-sociedade/10645/>
- Bandeira, L. & Batista, A. S. (2002): *Preconceito E Discriminação Expressões De Violência*; estudos feministas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/77qSbxLKYLyttqQbSzFjMcb/>.
- Calgaro, F. (2009): *Pesquisa Inédita Aponta Que Preconceito No Ambiente Escolar Parte De Casa*. Globo notícias Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL1197797-5604,00-PESQUISA+INEDITA+APONTA+QUE+PRECONCEITO+NO+AMBIENTE+ESCOLAR+VEM+DE+CASA.html>
- Chirrinzane, A. (2023): *Moçambique: cerca de 2,6 por cento da população são deficientes*. Agência de Informação de Moçambique; Disponível em: <https://aimnews.org/2023/12/03/mocambique-cerca-de-26-por-cento-da-populacao-sao-deficientes/>
- Chissano, J. (2019): *Deficientes visuais à busca da inclusão social e aceitação na sociedade*. O País; Disponível em: <https://opais.co.mz/deficientes-visuais-a-busca-da-inclusao-social-e-aceitacao-na-sociedade/>
- Coelho, L.F.(2021): *Memórias Dos Espaços Escolares E Académicos De Um Estudante Com Deficiência Visual*; EnPe: V.2; Fortaleza.
- Coelho, W.N.B. & Da Silva, C.A.F (2015): *Preconceito, Discriminação E Sociabilidades Na Escola*; Revista de Educação; Brasil. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356252776_PRECONCEITO_DISCRIMINACAO_E_SOCIABILIDADES_NA_ESCOLA.

- Delgado, O. M. & Da Silva, E. A. (2018): *O Processo De Ensino-Aprendizagem E A Pratica Docente: Reflexões*; Rev. Espaço Acadêmico.
- Diaz, F.(2011): *O Processo De Ensino E Aprendizagem E Seus Transtornos*; Salvador: EDUFBA.
- Doron, R. & Parot, F. (2001): *Dicionario de Psicologia*. Climepsi editores; 1ª edição: Portugal.
- Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE (2009): *Preconceito e discriminação no contexto escolar Guia com sugestões de atividades preventivas para a HTPC e sala de aula*; São Paulo.
- Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009): *Métodos de pesquisa*; 1ª edição; Editora da UFRGS: porto alegre.
- Gil, A. C. (2008): *Métodos e técnicas de pesquisa social*; 6ª edição; editora altas S.A: São Paulo.
- Gonçalves, F. L. C. (2012): *Papel da Escola na Desconstrução do Racismo, Preconceito e Discriminação: a Fomentação Profissional dos Educadores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Presidente Castelo Branco*. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/papel-da-escola-na-desconstru%C3%A7%C3%A3o-do-racismo1.pdf>
- Hehir,T. et al.(2016):*Os Benefícios da Educação Inclusiva para E estudantes com e sem Deficiência*; Instituto Alana; Abt Associates São Paulo.
- Kawashima, R. A, (2007): *Condutas de Discriminação entre Crianças da Educação Infantil*; Unesp: Marília, Estado de São Paulo. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/kawashima_ra_ms_mar.pdf
- Krzarnic, R.(2015): *O Poder Da Empatia, Arte De Se Colocar No Lugar Do Outro Para Transformar O Mundo*; Zahar editora: Rio de janeiro.
- Leal, J. (2015): *Discriminação Na Educação Inclusiva Tem Origem Dentro E Fora Da Sala De Aula*; 90 Edição Educação; Instituto de Psicologia, Disponível em: <http://www.usp.br/aun/antigo/exibir?id=7124&ed=1240&f=23>.
- Lima, E. C.(2018): *O Aluno Com Deficiência Visual*; São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos. Disponível em: <https://trocandosaberes.com.br/wp-content/uploads/2023/09/Cartilha-O-aluno-com-deficiencia-visual.pdf>

- Marchesan, A. Corpenedo R. F. (2021). *Capacitismo: Entre A Designação E A Significação Da Pessoa Com Deficiência*; Revista Trama; V.17. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/26199>
- Marconi, M, Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos de Metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo.
- Mendonça, A. Miguel, C. Neves, G. Micaelo, M. & Reino, V. (2008): *Alunos cegos e com baixa visão-orientacoes curriculares*. Ministerio da Educacao ; digidc. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/publ_alunos_cegos.pdf
- Menezes, M. P. (2013): *A Discriminação De Género Na Escola*; Revista fórum identidades: Itabaiana: Gepiadde. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1710>
- Moreira, M. F. L. S.(2014): *Aceitação De Alunos Com NEE Pela Turma: Um contributo para o debate sobre a inclusão*. ISEC.
- Nascimento C.W.V (2010): *Introdução De Metodologia Científica*. Universidade Federal De Sergipe Centro de Ensino a Distancia.
- Oliveira, L. G. (2017): *Preconceito, Deficiência E O Processo De Ensino- Aprendizagem: Primeiros Achados De Pesquisa*; Departamento de educação GCEC. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2017/relatorios_pdf/ctch/EDU/EDU-Luciana_Oliveira.pdf
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013): *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*; 2ª edição; Novo Hamburgo: Rio Grande do Sul, Brasil.
- Ribas, J. (2011). *Preconceito contra pessoas com deficiência: as Relações que travamos com o mundo*. Cortez editores; 2ª ed, V.4; São Paulo.
- Santos, G.B.D. & Sabino, T. D. (2021): *Deficiência Visual Nas Escolas da Rede Estadual da Cidade de Bom Jesus de Goiás-Go*. itumbira-go
- Tarato, F. (2014): *Como Preconceito E Discriminação Se Relacionam Com Os Processos De Ensino E Aprendizagem?*
- Valle, J. E.; Stelko-Pereira, A. C.; Peixoto, E. M. & Williams, L. C. A (2018): *Diminuir o bullying na escola melhora a relação professor-aluno no engajamento escolar*: Estud. psicol. (Campinas) vol. 35.

ANEXOS

ANEXO A1: Credencial

ANEXO A2: Grelha de Observação

Categoria comportamental	Operacionalização	Registo		Incidentes críticos
		Ocorre	Não ocorre	
Solidariedade\ Empatia	Colocar-se no lugar do outro, Ajudar, sensibilizar-se, proferir palavras (posso ajudar, precisa de alguma coisa?) ajudar o colega com a matéria e com os trabalhos de casa.			
Humilhação\ Agressividade	Chutar, bater, proferir palavras em tom de ameaça (suca, vou te bater), Gozar, Gingar, rir se da cara do outro, proferir palavras (você é burro, marreco, não sabe nada, nunca vai transitar de classe).			
Insegurança\Indiferença	Tratar o outro como se nada tivesse acontecido, ignorar o outro como se não existisse, proferir palavras, (como o problema dele)			

ANEXO A3: Guião de Entrevista para Professores

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA
GUIÃO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

Respondo pelo nome de Singurane Chiruca, estudante da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Educação, Departamento de Psicologia, e encontro-me a fazer a monografia para a conclusão do curso de Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais.

O Trabalho tem como tema, *“Influência do Preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência visual da escola secundária Solidariedade”*. As respostas dadas serão apenas para a elaboração deste trabalho. Garante-se o anonimato e a confidencialidade (todos e quaisquer dados de identificação não serão revelados em qualquer circunstância) das suas opiniões e respostas. Agradeço antecipadamente pela atenção e colaboração.

Parte 1: Questões para professores

1. Existe algum tipo de preconceito em relação a alunos com Dv na Escola?
2. Existe alguma manifestação de descontentamento ou incómodo por parte de professores ou funcionários em relação a esses alunos ou ao trabalho com eles?
3. Quais tipos são mais frequentes, que você observa na sala de aula?
4. Quais acção a Escola realiza para erradicar o problema do preconceito no âmbito escolar?
5. A Escola proporciona espaços para discussões de questões relacionadas ao preconceito?
6. Você tem expectativas diferentes dos alunos em situação de inclusão (Dv) quando comparados aos demais alunos?
7. Acredita que o preconceito traga algum prejuízo a aprendizagem dos alunos com Dv? Que tipo prejuízos?

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA
GUIÃO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS COM DV

Respondo pelo nome de Singurane Chiruca, estudante da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Educação, Departamento de Psicologia, e encontro-me a fazer a monografia para a conclusão do curso de Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais.

O Trabalho tem como tema, *“Influência do Preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência visual da escola secundária Solidariedade”*. As respostas dadas serão apenas para a elaboração deste trabalho. Garante-se o anonimato e a confidencialidade (todos e quaisquer dados de identificação não serão revelados em qualquer circunstância) das suas opiniões e respostas. Agradeço antecipadamente pela atenção e colaboração.

Parte 2: Questões para alunos com Dv

1. De que forma você se relaciona com os colegas, professores, e ou funcionários da escola?
2. Já se sentiu ou sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por parte de algum colega ou professor aqui no recinto escolar?
3. Qual a sua opinião sobre a forma como as pessoas age com os que têm deficiências?
4. Qual é sua atitude quando se trata de fazer alguma actividade na escola? Você pede, aceita ou rejeita ajuda quando te é oferecida? Explique.
5. Em casos de preconceito e ou discriminação que acções a escola faz para lhe dar com elas?

ANEXO A5: Guião de Entrevista para Alunos Normo-Visuais

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA
GUIÃO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS NORMO-VISUAIS

Respondo pelo nome de Singurane Chiruca, estudante da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Educação, Departamento de Psicologia, e encontro-me a fazer a monografia para a conclusão do curso de Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais.

O Trabalho tem como tema, *“Influência do Preconceito no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência visual da escola secundária Solidariedade”*. As respostas dadas serão apenas para a elaboração deste trabalho. Garante-se o anonimato e a confidencialidade (todos e quaisquer dados de identificação não serão revelados em qualquer circunstância) das suas opiniões e respostas. Agradeço antecipadamente pela atenção e colaboração.

Parte 3: Questões para alunos normo-visuais

1. Tem parente com alguma deficiência?
2. Já teve algum amigo cego?
3. O que você acha da relação de amizade entre eles e pessoas e videntes?
4. Como foi seu primeiro contacto com X?
5. Acha importante ter amizades com pessoas que têm alguma deficiência? Porque?
6. Considera que existe algum tipo de preconceito na escola (professores, funcionários, colegas) em relação aos estudantes com alguma deficiência?
7. Em casos de preconceito e ou discriminação que acções a escola faz para lhe dar com elas?

Obrigada pela atenção dispensada!